

A UNIVERSIDADE E O EMPREENDEDORISMO: REFLEXÕES ACERCA DOS MECANISMOS DE APOIO DAS INSTITUIÇÕES PARA FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DE NEGÓCIOS INOVADORES

THE UNIVERSITY AND ENTREPRENEURSHIP: REFLECTIONS ON INSTITUTIONAL SUPPORT MECHANISMS FOR THE TRAINING AND DEVELOPMENT OF INNOVATIVE BUSINESSES

Alexandre Dal Molin Wissmann*
Juliana Ribeiro da Rosa**

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar de quais maneiras as universidades contribuem para a formação e desenvolvimento de empreendimentos inovadores. Utilizando como modo de construção reflexiva o ensaio teórico, resgatamos as transformações recentes pelas quais as universidades passaram e apontamos quais são as atuais configurações, estruturas e processos existentes dentro destas instituições que contribuem no fomento ao empreendedorismo de caráter inovativo. A conjuntura apresentada pelas instituições de ensino e pesquisa configura-se como um ambiente transformacional aos empreendedores, que encontram apoio para todas as fases de seus negócios. Do momento da validação da ideia, passando a etapa de tração das atividades, até a fase de maturidade do empreendimento, a universidade dispõe de estruturas e processos que solidificam ou sustentam necessidades dos empreendimentos. Cabe destacar que a interlocução entre universidade e empreendimentos inovadores não é um caminho de benefício apenas dos empreendedores, a partir da reflexão realizada também ficam evidentes os frutos que a instituição colhe através desse diálogo. A interação com o mundo do empreendedorismo e da inovação torna-se uma forma de diferenciação das universidades diante da competitividade no contexto educacional, trazendo valor para as instituições através do contato com o cenário corporativo e um ambiente que favorece os estudantes na formação de suas habilidades e acesso ao mercado de trabalho.

Palavras-chave: Universidade. Empreendedorismo. Mecanismos de apoio. Empreendimentos inovadores. Ensaio teórico.

ABSTRACT

This work aims to analyze how universities contribute to the formation and development of innovative enterprises. Using the theoretical essay as a mode of reflective construction, we rescue the recent transformations that universities have undergone and point out the current configurations, structures and processes existing within these institutions that contribute to promoting entrepreneurship of an innovative nature. The situation presented by teaching and research institutions represents a transformational environment for

* Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). alexandred@unisc.br

** Doutoranda em Administração na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). julianardarosa@gmail.com

entrepreneurs, who find support for all phases of their business. From the moment the idea is validated, through the traction stage of the activities, until the maturity phase of the enterprise, the university has structures and processes that solidify or support the needs of the enterprises. It is worth highlighting that the dialogue between universities and innovative enterprises is not a path that only benefits entrepreneurs. From the reflection carried out, the fruits that the institution reaps through this dialogue are also evident. Interaction with the world of entrepreneurship and innovation becomes a way of differentiating universities in the face of competitiveness in the educational context, bringing value to institutions through contact with the corporate scenario and an environment that favors students in developing their skills and access to the job market.

Keywords: University. Entrepreneurship. Support mechanisms. Innovative ventures. Theoretical essay.

Introdução

A constante evolução tecnológica, as mudanças nos hábitos dos usuários e as incertezas econômicas globais criam um mercado altamente competitivo e imprevisível para aqueles que buscam inserção de novas ideias e expansão de seus negócios (Stokan; Thompson; Mahu, 2015). Para nós, enquanto autores deste artigo, pesquisadores e profissionais da área do empreendedorismo e da inovação, são claros os desafios impostos aos empreendedores diante deste mercado, onde podemos citar a necessidade de adaptação constante, a inovação ágil e a tomada de decisões estratégicas complexas, tendo em vista a sustentabilidade e o crescimento de seus empreendimentos.

Nesse sentido, é possível perceber que esforços vêm sendo empreendidos, não só pelas empresas, mas também pelo poder público buscando maneiras de reduzir estes desafios, bem como implementar e desenvolver ações que construam uma infraestrutura tecnológica que alavanque os processos de desenvolvimento. Entretanto, notamos que este processo muitas vezes é dificultado pelas características de um mercado competitivo, que encontra uma baixa qualificação dos empreendedores e apoio insuficiente em diversas áreas (Heitor; Horta; Salmi, 2016).

Na esteira destas configurações, entendemos que o conhecimento tem papel estratégico para auxiliar no desenvolvimento das economias, sendo utilizado tanto para o crescimento das empresas, como para a competitividade dos empreendimentos. Sob tal ótica, a capacidade de geração de conhecimento impulsiona o desenvolvimento econômico, aprimora a produtividade e fomenta a criação de novos produtos e serviços (Pueyo *et al.*, 2011).

É nesse contexto que inserimos um papel de protagonismo à universidade, incorporando relevância, tanto no desenvolvimento de conhecimento na sociedade, como no apoio aos empreendedores, especialmente aqueles que buscam diferenciação através de novos produtos e processos (Etzkowitz; Zhou, 2017). Nos países em desenvolvimento, inclusive, as universidades assumem um papel de liderança e orquestração por serem um ator determinante para a inovação em razão de sua estrutura e avanços tecnológicos (Heaton; Siegel; Teece, 2019; Thomas; Fachin; Asheim, 2020).

Nesse sentido, posicionamos o conceito de Universidade Empreendedora (UE) no centro da discussão de nosso trabalho, uma vez que a partir da lógica dessa concepção a instituição atua com o propósito de relacionar-se com o mercado em busca soluções para as necessidades existentes através do conhecimento produzido dentro de suas estruturas (Etzkowitz, 2004). Este modo de atuação auxilia na sustentação própria, além de contribuir em termos econômicos e sociais dentro das regiões nas quais as UEs estão inseridas (Clark, 2001; Silva *et al.*, 2018).

Sob essa perspectiva, a universidade e o empreendedorismo estão altamente relacionados, fato que destaca a necessidade de ampliar a discussão do tema (Amaral, 2022). No Brasil, no entanto, identificamos que a relação entre Instituições de Ensino Superior (IES) e o setor produtivo ainda é incipiente, o que resulta em baixos níveis de desenvolvimento tecnológico e empreendedorismo de caráter inovador (Paiva; Shiki, 2017; Fischer; Moraes; Schaeffer, 2019). Além disso, reconhecemos que ainda são restritas as discussões que inserem o caráter empreendedor no cerne das universidades, refletindo sobre como tal conceito pode beneficiar o contexto, irradiando-se às empresas e trabalhadores destes locais (Velasco; Carraro; Amaral, 2022).

Diante dessas lacunas, utilizando como modo de construção reflexiva o ensaio teórico (Meneghetti, 2011), este trabalho tem como objetivo analisar de quais maneiras as universidades contribuem para a formação e desenvolvimento de empreendimentos inovadores. Para isso, resgatamos as transformações recentes pelas quais as universidades passaram e apontamos quais são as atuais configurações, estruturas e processos existentes dentro destas instituições que contribuem no fomento ao empreendedorismo de caráter inovativo.

Tendo em vista tal objetivo, nosso ensaio é dividido em quatro seções: a primeira corresponde à presente introdução; na sequência, exploramos as transformações recentes pelas quais as universidades passaram, percorrendo um caminho para a inovação; as atuais configurações e estruturas que apoiam os empreendimentos são tópicos da terceira

seção; e, por fim, refletimos sobre a interlocução entre universidade e os empreendimentos, destacando os benefícios mútuos gerados a partir desta relação.

1 A universidade e sua trajetória para a inovação

Conhecida no passado como a detentora do conhecimento, a universidade tem sua origem na antiguidade e ressurgimento no século XIX, período em que tais instituições eram vistas como “torres de marfim”, de acordo com Shapin (2012) pela sua característica de atuação isolada da sociedade. Embora tenham auxiliado na formação da sociedade e do governo, com os líderes universitários a impulsionar a sua expansão e influência do mundo, sua estrutura foi questionada pela sua forma de atuação.

Diante deste cenário, a universidade buscou modificar sua forma de interagir com a sociedade. Além de sua missão principal enquanto disseminadora do conhecimento através do ensino, tais instituições procuraram elevar o nível de relacionamento com a sociedade, especialmente com o ambiente corporativo. Desse modo, a universidade iniciou um processo em que a transferência do conhecimento produzido dentro de suas estruturas começa a fluir e encontrar caminhos de abrigo dentro da sociedade. A partir deste novo movimento, a universidade tornou-se um ator de impacto, uma vez que os resultados desta transferência de conhecimento visam impulsionar o desenvolvimento econômico e social das comunidades onde ela está inserida.

Em paralelo, a transformação da missão da universidade propiciou a mudança de uma lógica onde a ciência era produzida para a própria ciência, consistindo também na formação de pessoas de maneira passiva, para uma dinâmica ativa, onde os cientistas atuam em busca de avanços em prol da sociedade (Rosa; Zen, 2022). Considerando tal característica, Clark (2001) cunha o termo Universidade Empreendedora para descrever uma instituição que realiza mudanças estruturais e culturais em seu contexto interno, a fim de contribuir com as atividades da sociedade.

Para conseguir agir de forma empreendedora e alinhada com o ambiente externo, há necessidade de interação com diferentes grupos, tais como estudantes, pesquisadores, cientistas, empresas e poder público, para que seja possível identificar quais são as necessidades e demandas regionais (Guerrero *et al.*, 2016). Apenas desta maneira, a construção do conhecimento e a transferência tecnológica alcançarão o propósito de impacto e desenvolvimento social e econômico.

Internamente, essa abordagem envolve medidas alinhadas à orientação empreendedora, onde podemos citar a construção de uma cultura institucional caracterizada pela proatividade e inovação, a diversificação da orientação estratégica e a criação de valor por meio de modelos de negócios inovadores. Em conjunto, a disseminação da cultura empreendedora na universidade abrange aspectos educacionais informais, tais como atitudes favoráveis de alunos e professores, abordagens de ensino apropriadas e modelos empreendedores, além de estruturas formais que fomentem a inovação e o empreendedorismo (Klofsten *et al.*, 2019). Externamente, os desafios estratégicos da universidade empreendedora são influenciados pelo engajamento com *stakeholders*, visando a troca de conhecimento e a criação de um ambiente dinâmico de empreendedorismo.

No contexto de países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, segundo Fischer Moraes e Schaeffer (2019), a universidade tem um papel ainda mais determinante para o desenvolvimento da economia. O conhecimento e os processos da universidade contribuem para o avanço de tecnologias e para a criação de novas oportunidades de expansão econômica, especialmente por meio da criação de novos negócios. Essa contribuição engloba ainda os avanços advindos de transferências tecnológicas e patentes, envolvendo os resultados das pesquisas que geram inovações frugais, de baixa tecnologia, mas com alta aplicação prática em tais contextos.

Entendendo as transformações pelas quais a universidade passou nos últimos anos e considerando seu novo papel de protagonismo na sociedade (Guerrero *et al.*, 2016), partimos nossa discussão teórica de uma perspectiva da UE para analisar quais são as estruturas e processos existentes nestas instituições que contribuem de maneira significativa no fomento do empreendedorismo e da inovação.

2 As estruturas de apoio da universidade para o empreendedorismo inovador

A universidade, inserindo o caráter empreendedor dentro de sua configuração, necessita constituir e articular um ambiente que fomente a inovação dentro e fora de sua estrutura (Johnson; Bock; George, 2019). Desse modo, nessa seção, tivemos como objetivo destacar alguns formatos de apoio da universidade ao empreendedorismo inovador, elevando estruturas e processos existentes identificados na literatura, ao mesmo tempo em que articulamos esta base teórica com reflexões e experiências decorrentes de nossas trajetórias profissionais.

Nossa escrita percorreu diferentes áreas da universidade, tais como os parques científicos e tecnológicos; incubadoras de empresas; os processos de Pesquisa & Desenvolvimento (P&D), incluindo os laboratórios e os pesquisadores; pessoas e cultura; os núcleos de projetos; e os Núcleos de Inovação Tecnológica (NITs). Na sequência, cada um destes itens será objeto de discussão.

2.1 Parques científicos e tecnológicos

Iniciamos nossa reflexão tratando de uma das estruturas de maior apoio ao empreendedorismo e a inovação dentro das universidades: os parques científicos e tecnológicos. Um parque científico e tecnológico caracteriza-se pela sua iniciativa de apoio aos negócios e à transferência de tecnologia (Parry, 2006), além de desempenhar um papel fundamental na criação, desenvolvimento e gestão de um ecossistema empreendedor.

Este propósito é concretizado a partir de diferentes ações, tais como o suporte aos negócios inovadores de base tecnológica; a disponibilização de um ambiente físico no qual as empresas podem desenvolver suas atividades e interagir com centros geradores de conhecimento, tendo em vista o benefício mútuo; a facilitação da comunicação entre empresas; e a construção de uma cultura de inovação e criatividade entre os atores e participantes do ambiente (IASP, 2024).

No Brasil, como em outros países, os parques tecnológicos desempenham o papel fundamental de ampliar e fortalecer o conhecimento acadêmico, subsidiando operações de empresas e a produtividade dos mercados. O conceito surgiu no final da década de 1950 nos Estados Unidos, na Europa levou quase 20 anos para se expandir, enquanto no Brasil, ocorreu apenas nestes últimos 25 anos. Assim, no Brasil, a maioria dos parques ainda possui uma trajetória recente, além de estarem localizados em áreas com maior população (região sul e sudeste). Embora ainda em fase de crescimento, já são considerados instrumentos de transformação de conhecimento em produtos, processos e serviços de alto valor agregado (Faria *et al.*, 2021).

A contribuição dos parques tecnológicos impacta em uma perspectiva de longo prazo e, para isso, o planejamento, a gestão e a operação desses parques envolvem uma gama diversificada de atores, interesses e objetivos (Faria *et al.*, 2021). Isso quer dizer que o bom desempenho e os resultados dos parques dependem, em grande parte, do nível

de cooperação entre as principais partes interessadas, incluindo as empresas, a sociedade e o poder público (Germain, 2023).

Iniciamos nossa reflexão pelos parques científicos e tecnológicos pois, geralmente, são eles que abrigam outras estruturas e processos voltados ao empreendedorismo e inovação dentro das universidades. Sendo assim, tais ambientes podem ser considerados como guarda-chuvas das demais estruturas voltadas ao fomento dos empreendimentos inovadores.

2.2 Incubadoras de empresas

Em destaque na atuação de suporte aos novos negócios estão as incubadoras de empresas ou incubadoras tecnológicas. Tais mecanismos merecem relevância em nossa análise pois são, muitas vezes, as estruturas precursoras no apoio ao empreendedorismo no âmbito das universidades, especialmente a partir da década de 1980, quando as incubadoras passaram a ser incorporadas na agenda de políticas para o desenvolvimento econômico do Brasil (Nobre *et al.*, 2016). Atualmente, os parques tecnológicos são os ambientes que abrigam as incubadoras, espaços que objetivam dar suporte ao empreendedor iniciante e às startups que buscam acelerar seu crescimento (IASP, 2024).

As incubadoras possuem diferentes formas de apoio aos empreendedores, tais como o suporte administrativo e tecnológico dos negócios, seja por meio da oferta de oficinas, consultorias ou mentorias, considerando as diferentes áreas do negócio (gestão, marketing, jurídica, contábil e tecnológica); geração de características empreendedores entre os profissionais; a disponibilização de infraestrutura básica, onde estão incluídos espaços individualizados e equipamentos (mesas, cadeiras, armários, computadores, entre outros) para o início das atividades, bem como cozinha e banheiros compartilhados; e espaços de convivência e *networking* (Wissmann, 2019).

Pelo fato das incubadoras, geralmente estarem inseridas no ecossistema do parque tecnológico, os empreendimentos incubados também se beneficiam da proximidade com as empresas que possuem vínculo com o parque e desenvolvem atividades com a universidade (Albahari *et al.*, 2018). Desse modo, os empreendimentos iniciantes têm a oportunidade de interagirem comercialmente com estas empresas, além de estarem conectadas a empresários com um nível de maturidade que proporciona aprendizado aos que estão no início de sua trajetória empreendedora.

Estes mecanismos de apoio também favorecem a exposição dos empreendimentos através da facilitação de acesso a feiras e eventos que possam trazer valor ao longo desta caminhada (Mineiro, 2022). De um lado, temos um alto volume de feiras, de negócios ou de conteúdos, que buscam comunicar as iniciativas de inovação das startups. No Brasil, merecem destaque o Web Summit, South Summit e Startup Summit (South Summit, 2024; Startup Summit, 2024; Web Summit, 2024). De outro lado, observamos eventos promovidos pelas próprias universidades que auxiliam na discussão de assuntos científicos relacionados às especificidades do produto ou serviço ou técnicas adotadas pelas startups.

Cabe mencionar que no centro das estratégias de organização destes eventos estão as incubadoras tecnológicas, em razão da sua importância de intermediação entre o evento e os empreendimentos. Assim, geralmente as incubadoras atuam como parceiras ou apoiadoras de eventos como os citados, favorecendo a inserção dos produtos e serviços dos empreendedores incubados nestes locais que possuem alto potencial de formação de negócios, bem como proporcionando uma reflexão científica que oportuniza o avanço das tecnologias inseridas no produto das startups.

Por meio destes formatos de apoio, as incubadoras auxiliam na redução de falhas organizacionais ao longo do período de incubação, aumentando as chances de sobrevivência desses negócios no mercado (Albahari *et al.*, 2018). Como consequência desta atuação, as incubadoras impactam positivamente o nível socioeconômico das regiões onde estão inseridas. Ao apoiar a criação de novos negócios, tais ambientes contribuem na geração de empregos e renda na comunidade, impulsionam o crescimento e a diversificação da economia regional, atraem investimentos e fomentam a colaboração entre empresas estabelecidas e empreendedores em ascensão (Stokan; Thompson; Mahu, 2015). Dessa forma, o impacto das incubadoras se estende para além do sucesso individual das startups, influenciando a dinâmica social e econômica de uma região.

2.3 Pesquisa e desenvolvimento

As universidades também desempenham um papel importante de apoio aos empreendimentos inovadores através do P&D, processo que tem como principal objetivo criar algo novo ou buscar o aperfeiçoamento de algo já existente por meio de investigação científica e do desenvolvimento tecnológico.

A interlocução entre estas atividades da universidade e os novos negócios de base tecnológica é uma oportunidade que os empreendedores possuem de gerar novas tecnologias, sejam em termos de produtos, serviços ou processos (Chen; Lin, 2017). Além disso, abrem-se cenários para aprimorar ou produtos já existentes, permitindo que as startups, e até mesmo grandes empresas com alto nível de maturidade no mercado, acompanhem as tendências e as demandas do mercado, adaptando-se de forma ágil e eficaz (D'Este; Guy; Iammarino, 2013).

No centro dos processos de P&D estão os pesquisadores e os laboratórios de pesquisa das universidades. Sua expertise e infraestrutura especializada proporcionam um ambiente adequado para a realização de estudos rigorosos e avaliações precisas, garantindo a qualidade e eficácia dos produtos que serão lançados no mercado. Tal infraestrutura oferece um espaço de testes rápidos e, muitas vezes, com custo reduzido em comparação ao investimento requerido pelo empreendedor, caso optasse pela composição própria e manutenção de recursos físicos e de pessoas necessários ao processo. Dessa forma, o P&D da universidade não apenas traciona os processos inovadores, mas também favorece a sustentabilidade das startups no longo prazo (Costa; Matias, 2020).

É válido ressaltar que nem todas as universidades possuem espaços físicos ou pesquisadores que oferecem a condição apresentada em nossa discussão. Ao mesmo tempo, muitas universidades sofrem com a falta de recursos financeiros que proporcionam a manutenção e suprimento dos espaços para o desenvolvimento de tecnologias (Tomaz; Fischer, 2021). Este cenário prejudica o desenvolvimento dos empreendimentos inovadores, desacelerando o processo de fomento tecnológico.

A UE enfrenta o desafio de liderar a coordenação do capital humano, dentro e fora de suas fronteiras, através da manutenção do ensino e da pesquisa, promovendo o desenvolvimento das habilidades necessárias para o mercado e facilitando a absorção do conhecimento gerado na interação com o ecossistema. Para garantir esse processo, é crucial que membros da comunidade universitária, como professores, alunos e funcionários, estejam engajados ativamente (Guerrero *et al.*, 2016).

2.4 Pessoas e cultura

A proximidade com as universidades também impacta positivamente na dimensão de pessoas e cultura dos empreendimentos. Enquanto *lócus* de formação e qualificação

de profissionais, a universidade torna-se um ambiente de desenvolvimento de pessoas, bem como concentra indivíduos capacitados e futuros talentos das mais diferentes áreas do conhecimento.

Partindo da premissa de que as pessoas são um recurso cada vez mais valioso às empresas, estar próximo de um ambiente como o da universidade, torna-se fundamental para que os empreendimentos mantenham as competências de seus funcionários nos mais altos níveis dentro de seus projetos. Em conjunto, a proximidade com estes centros de desenvolvimento de pessoas, possibilita que as empresas identifiquem e atraiam para dentro de suas estruturas estudantes e profissionais qualificados, atentos às mais recentes tendências e conhecimentos em suas respectivas áreas.

Somamos ainda o fato de que a interação com as universidades, através de uma dinâmica empreendedora e de pesquisa, permite aos colaboradores das empresas um aprendizado contínuo, impactando positivamente nos resultados do negócio e na cultura dos indivíduos. Desta interação surgem diferentes oportunidades, onde a empresa pode receber recursos para qualificar seus profissionais; realizar pesquisas financiadas com apoio de bolsistas de diferentes níveis, incluindo pós-graduandos; e, até mesmo, ser apoiada economicamente para o desenvolvimento de novos negócios (FAPERGS, 2022; CNPQ, 2024).

Acreditamos que a colaboração entre universidade e empresa não apenas enriquece o ambiente acadêmico e corporativo através do desenvolvimento de competências e de uma cultura empreendedora, mas também fortalece o mercado de trabalho, impulsionando a inovação e o crescimento sustentável das organizações.

2.5 Núcleos de inovação tecnológica

A infraestrutura de apoio das universidades aos empreendimentos também dispõe dos núcleos de inovação tecnológica, conhecidos como NITs. Inicialmente, vale mencionar que a partir da Lei de Inovação (Lei nº 10.973/2004), estabelecida em 2004 e regulamentada pelo Decreto nº 9.283/2018, as Instituições Científicas e Tecnológicas (ICTs) deverão dispor de NITs, sejam eles próprios ou em associação com outras ICTs, com o propósito de gerir suas políticas de inovação (BRASIL, 2004; BRASIL, 2018).

Dentre os objetivos deste mecanismo estão: o estímulo ao desenvolvimento de inovações capazes de serem protegidas e transferidas à sociedade; a divulgação de informações sobre a propriedade intelectual e a transferência de tecnologias,

compreendendo as temáticas de marcas, patentes, desenhos industriais e programas de computador; e a assessoria aos empreendimentos nas demandas que estiverem relacionadas aos referidos assuntos (FUNDAÇÃO CERTI, 2024).

Para além do apoio oferecido à infraestrutura interna de pesquisa da universidade, os NITs oferecem aos empreendimentos um ambiente de suporte às temáticas de propriedade intelectual. Sendo assim, além do suporte necessário para que tenham proteção no que se refere ao registro de sua propriedade intelectual, as empresas podem acompanhar as rápidas mudanças decorrentes de novas tecnologias e conta com a possibilidade de integrar novos produtos em seus portfólios a partir da interação com os NITs.

2.6 Núcleos de projetos

Em um contexto de inovação, os recursos financeiros são fundamentais no sentido de oferecer as melhores condições para que os empreendimentos desenvolvam e testem suas soluções no mercado. No Brasil, temos diferentes agências que possuem oportunidades de subvenção econômica e desempenham o papel de fomento econômico à inovação, tais como a Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) e a Empresa Brasileira de Pesquisa e Inovação Industrial (EMBRAPII). Além disso, estados e regiões também contam com agências de fomento, atentas às demandas e oportunidades em seus respectivos territórios.

Cientes da importância destes mecanismos aos empreendimentos, as universidades desempenham um papel fundamental ao estarem atentas às oportunidades oferecidas pelas agências e suas fontes de financiamento e fomento à inovação. Inseridos na estrutura institucional da universidade, geralmente encontramos os núcleos de projetos, responsáveis pela articulação entre as fontes de financiamento e os empreendimentos.

É possível encontrar outras denominações para este mecanismo ou setor dentro das universidades, tais como escritório de projetos, agências de projetos e inovação, assessorias para projetos de inovação, dentre outras nomenclaturas (PUCRS, 2024; UNISC, 2024; UNIVATES, 2024). No entanto, o objetivo deste mecanismo é a gestão de projetos que são executados, especialmente com recursos externos, com foco na pesquisa e no desenvolvimento tecnológico.

Dentre as atividades inseridas na gestão dos projetos estão o apoio ao encaminhamento, ao acompanhamento e à prestação de contas destas atividades. Sendo assim, os empreendimentos possuem apoio na captação de recursos, na prospecção de editais e de parcerias com instituições públicas e privadas, além de possuírem um setor facilitador na relação entre os proponentes de projetos e os seus respectivos financiadores, o que também potencializa tais parcerias.

Esse apoio proporciona aos empreendimentos condições financeiras para viabilizar e estruturar suas atividades de validação de ideias, desenvolvimento de seus produtos ou serviços, expansão comercial e, até mesmo, a internacionalização do negócio.

3 Os impactos da interlocução entre universidade e empreendimentos inovadores

Este ensaio teórico teve como objetivo analisar de quais maneiras as universidades contribuem para a formação e desenvolvimento de empreendimentos inovadores. Considerando tal propósito, inicialmente resgatamos as transformações da universidade até sua concepção de UE para, posteriormente, percorrer discursivamente algumas estruturas e processos existentes dentro destas instituições que contribuem no fomento ao empreendedorismo de caráter inovativo.

Esse caminho reflexivo nos permitiu avaliar quais são os principais pontos de apoio que o empreendedorismo inovador encontra dentro da universidade para o desenvolvimento de suas atividades. A partir da discussão, argumentamos que a conjuntura apresentada pelas instituições de ensino e pesquisa configura-se como um ambiente transformacional aos empreendedores, que encontram apoio para todas as fases de seus negócios.

Do momento da validação da ideia, em que as incubadoras abraçam a proposta, perpassando a etapa de tração das atividades, quando são prospectados editais e parcerias que permitam investimento no negócio, até a fase de maturidade do empreendimento, onde é possível a manutenção de processos de P&D em busca de avanços tecnológicos ou ampliação do portfólio de produtos e serviços, a universidade dispõe de estruturas e processos que solidificam ou preenchem possíveis lacunas dos empreendimentos.

Fica claro que a universidade exerce uma função fundamental no avanço do cenário do empreendedorismo e da inovação, especialmente ao fornecer e fortalecer conhecimentos estratégicos para a comunidade acadêmica e ao contexto corporativo. A interdisciplinaridade, característica da universidade, cria condições de ensino, pesquisa e

desenvolvimento que atendem diferentes demandas, podendo contribuir de forma transversal por meio de uma liderança e criação do pensamento empreendedor na sociedade que está localizada (Audretsch, 2014).

Além disso, a universidade não se restringe apenas ao nível local em que está inserida, seus efeitos se transbordam para além da cidade e/ou região. Os conhecimentos gerados em parceria com os empreendimentos, facilmente podem progredir e ganhar escala, levando estas atividades em colaborações para esferas ampliadas, incluindo os níveis nacionais e globais, por meio de suas redes de conexões.

A interlocução entre universidade e empreendimentos inovadores não é um caminho de benefício apenas para os empreendedores, também são evidentes os frutos que a instituição colhe através desse diálogo. Considerando o reposicionamento da universidade nestes últimos anos, onde ela deixa de ser o único centro de desenvolvimento do conhecimento, a proximidade com o mundo dos negócios reforça o caráter de troca e de avanço conjunto. Esse ambiente de sinergia possui valor para as instituições, que têm a possibilidade de acompanhar com maior facilidade as transformações no mundo corporativo, oferecendo um ambiente adequado aos estudantes para testarem suas habilidades e acessarem o mercado de trabalho.

Isso torna-se ainda mais relevante a partir de um contexto de redução do número de estudantes nos cursos presenciais de ensino superior ao nível nacional (INEP, 2023), elevando a competitividade entre as instituições e dificultando a manutenção de suas estruturas, especialmente do ponto de vista financeiro. A interação com o mundo do empreendedorismo e da inovação pode ser uma forma de diferenciação das universidades diante de um contexto de concorrência acirrada com instituições de ensino a distância, que possuem como principal fator competitivo os baixos valores de mensalidade em seus cursos.

Estruturas e processos como aqueles citados em nossa reflexão sublinham a qualidade e as oportunidades oferecidas aos estudantes ao longo do percurso formativo dentro das universidades. Além do ensino de qualidade, o acesso aos espaços que apoiam a inovação permite a visualização pelos estudantes de uma possibilidade de carreira não tradicional, via empreendedorismo de base tecnológica, ampliando seu panorama enquanto futuro profissional do mercado de trabalho.

Para finalizar, ressaltamos que este estudo não tem a intencionalidade de limitar o papel e as estruturas da universidade. Por abranger questões, por vezes, particulares, procuramos expor quais são as estruturas utilizadas de forma ampliada, ilustrando as

possibilidades para a inovação. Além disso, entendemos que a interlocução não apenas gera benefícios mútuos para a universidade e os empreendimentos, mas deve ser ampliada, incentivada e interseccionada pelos outros atores que fazem parte dos ecossistemas regionais de inovação, tais como sociedade e poder público. Dessa forma, os ganhos para o contexto em que estão inseridos tais atores irão desdobrar-se para os níveis individuais e coletivos, bem como sociais e econômicos da comunidade.

Referências

ALBAHARI, A. *et al.* The influence of science and technology park characteristics on firms innovation results. **Papers in Regional Science**, v. 97, n. 2, p. 253-279, 2018. DOI: <http://doi.org/10.1111/pirs.12253>.

AMARAL, M. G. Revisitando, redescobrimo e repensando a Triple Helix. *In*: AMARAL, M. G. do; MINEIRO, A. A. da C.; FARIA, A. F. de (org.). **As Hélices da Inovação: interação universidade-empresa-governo-sociedade no Brasil**. Curitiba: CRV, 2022. p. 25-62.

AUDRETSCH, D. B. From the entrepreneurial university to the university for the entrepreneurial society. **The Journal of Technology Transfer**, v. 39, n. 3, p. 313-321, 2014.

BRASIL. Lei nº 10.973, de 2 de dezembro de 2004. Dispõe sobre incentivos à inovação e à pesquisa científica e tecnológica no ambiente produtivo e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2004/lei/110.973.htm. Acesso em: 5 mar. 2024.

BRASIL. Decreto Nº 9.283, de 7 de fevereiro de 2018. Regulamenta a Lei nº 10.973. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/decreto/d9283.htm. Acesso em: 5 mar. 2024.

CHEN, S.; LIN, W. The dynamic role of universities in developing an emerging sector: a case study of the biotechnology sector. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 123, p. 283-297, 2017.

CLARK, B. The entrepreneurial university: New foundations for collegiality, autonomy, and achievement. **Higher Education Management**, v. 13, n. 2, p. 9-24, 2001.

CNPQ, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Brasil). **Programa de Mestrado e Doutorado para Inovação – MAI/DAI**. Chamadas Públicas CNPq. Brasília, DF, 2024. Disponível em: https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/noticias/cnpq-em-acao/MAIDAI2024ChamadaPblica009_2024.pdf. Acesso em: 26 abr. 2024.

COSTA, J.; MATIAS, J. C. O. Open innovation 4.0 as an enhancer of sustainable innovation ecosystems. **Sustainability**, v. 12, n. 19, p. 8112, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3390/su12198112>.

D'ESTE, P.; GUY, F.; IAMMARINO, S. Shaping the formation of university--industry research collaborations: What type of proximity does really matter? **Journal of Economic Geography**, v. 13, n. 4, p. 537-558, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1093/jeg/lbs010>.

ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C.. The triple helix: University–industry–government innovation and entrepreneurship. **Routledge**, 2017.

ETZKOWITZ, H.. The evolution of the entrepreneurial university. **International Journal of Technology and Globalization**, v. 1, n. 1, p. 64-77, 2004.

FARIA, A. F. *et al.* **Parques Tecnológicos do Brasil**. Viçosa, MG: NTG/UFV, 2021.

FISCHER, B. B.; MORAES, G. H. S. M. de; SCHAEFFER, P. R. Universities' institutional settings and academic entrepreneurship: Notes from a developing country. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 147, p. 243-252, 2019.

FUNDAÇÃO CERTI. **Núcleo na Inovação Tecnológica - A Lei de Inovação e o Papel dos NIT**. Disponível em: <https://certi.org.br/pt/servicoseprodutos-nucleo-de-inovacao-tecnologica>. Acesso em: 18 abr. 2024.

FAPERGS, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande Do Sul (Brasil). **Programa Doutor Empreendedor - PDemp**. Chamadas e Editais. Porto Alegre, RS, 2022. Disponível em: <https://fapergs.rs.gov.br/edital-fapergs-sebrae-03-2022-programa-doutor-empreendedor-pdemp>. Acesso em: 26 abr. 2024.

GERMAIN, E. *et al.* Science parks as key players in entrepreneurial ecosystems. **R&D Management**, v. 53, n. 4, p. 603-619, 2023.

GUERRERO, M. *et al.* Entrepreneurial universities: emerging models in the new social and economic landscape. **Small Business Economics**, v. 47, n. 3, p. 551-563, 2016.

HEATON, S.; SIEGEL, D. S.; TEECE, D. J. Universities and innovation ecosystems: a dynamic capabilities perspective. **Industrial and Corporate Change**, v. 28, n. 4, p. 921-939, 2019.

HEITOR, M.; HORTA, H.; SALMI, J. Looking Forward: Building Capacity in Latin America. In: **Trends and Challenges in Science and Higher Education**. Springer, Cham, p. 289-310, 2016.

IASP, International Association of Science Parks and Areas of Innovation. **Definitions**. 2024. Disponível em: <https://www.iasp.ws/our-industry/definitions>. Acesso em: 20 mar. 2024.

INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Ministério da Educação. **Censo da Educação Superior de 2022**. Brasília, DF. 2023.

Disponível em:

https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2022/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2022.pdf. Acesso em: 15 mar. 2024.

JOHNSON, D.; BOCK, A. J.; GEORGE, G. Entrepreneurial dynamism and the built environment in the evolution of university entrepreneurial ecosystems. **Industrial and Corporate Change**, v. 28, n. 4, p. 941-959, 2019.

KLOFSTEN, M. *et al.* The entrepreneurial university as a driver for economic growth and social change-key strategic challenges. **Technological Forecasting and Social Change**, v. 141, p. 149-158, 2019.

MENEGHETTI, F. K. O que é um ensaio-teórico?. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rac/a/4mNCY5D6rmRDPWXtrQQMyGN/?lang=pt>>. Acesso em: 14 out. 2019.

MINEIRO, A. A. da C. *et al.* Hélice Tríplice e Ciclo de Vida da Startup: Evidências de Financiamentos dos Atores da Hélice Tríplice no Caso NexAtlas. *In*: AMARAL, M. G. do; MINEIRO, A. A. da C.; FARIA, A. F. de (org.). **As Hélices da Inovação: interação universidade-empresa-governo-sociedade no Brasil**. Curitiba: CRV, 2022. p. 421-450.

NOBRE, E. A. *et al.* Capacidade de Inovação nas Empresas Incubadas. **Holos**, v. 3, p. 198-217, 2016.

PAIVA, P. H. A.; SHIKI, S. F. N. Método de valoração de patentes para o NIT-UFSJ. **Conexões, Ciência e Tecnologia**, v. 11, n. 3, p. 84-92, nov. 2017.

PARRY, M. (ed.). **The planning, development and operation of science parks**. 2. ed. Cambridge: UK Science Park Association, 2006.

PUCRS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. **Inovação na PUCRS**. Disponível em: <https://portal.pucrs.br/inovacao/>. Acesso em: 5 maio 2024.

PUEYO, A. *et al.* The role of technology transfer for the development of a local wind component industry in Chile. **Energy Policy**, v. 39, n. 7, p. 4274-4283, 2011.

ROSA, J.; ZEN, A. A evolução do papel da universidade e suas interações no século XXI. *In*: AMARAL, M. G. do; MINEIRO, A. A. da C.; FARIA, A. F. de (org.). **As Hélices da Inovação: interação universidade-empresa-governo-sociedade no Brasil**. Curitiba: CRV, 2022. p. 217-244.

SHAPIN, S. The Ivory Tower: the history of a figure of speech and its cultural uses. **The British Journal for the History of Science**, v. 45, n. 1, p. 1-27, 2012.

SILVA, C. E. L. *et al.* Concepts and Criteria for the Characterization of the Entrepreneurial University: a Systematic Literature. **Journal of Economics, Business and Management**, v. 6, n. 3, p. 65-71, 2018. DOI: <https://doi.org/10.18178/joebm.2018.6.3.552>.

STARTUP SUMMIT. Página inicial. 2024. Disponível em: <https://rio.websummit.com/>. Acesso em: 5 maio 2024.

STOKAN, E.; THOMPSON, L.; MAHU, R. J. Testing the Differential Effect of Business Incubators on Firm Growth. **Economic Development Quarterly**, v. 29, n. 4, p. 317-327, 2015.

SOUTH SUMMIT. Página inicial. 2024. Disponível em: <https://www.southsummit.io/brazil/>. Acesso em: 5 maio 2024.

THOMAS, E.; FACCIN, K.; ASHEIM, B. T. Universities as orchestrators of the development of regional innovation ecosystems in emerging economies. **Growth and Change**, v. 52, n. 2, p. 770-789, 2020.

TOMAZ, P. A.; FISCHER, B. B. Interação Universidade-Empresa: criação, difusão e utilização do conhecimento acadêmico em contextos periféricos. *In*: AMARAL, M. G. do; MINEIRO, A. A. da C.; FARIA, A. F. de (org.). **As Hélices da Inovação: interação universidade-empresa-governo-sociedade no Brasil**. Curitiba: CRV, 2022. p. 187-216.

UNISC. Universidade de Santa Cruz do Sul. **Direção de Inovação e Empreendedorismo**. Disponível em: <https://www.unisc.br/pt/inovacao/direcao-de-inovacao-e-empreendedorismo>. Acesso em: 5 maio 2024.

UNIVATES. Universidade do Vale do Taquari. **Pesquisa e Inovação**. Disponível em: <https://www.univates.br/tecnovates/>. Acesso em: 5 maio 2024.

VELASCO, T. S. C.; CARRARO, E. R.; AMARAL, M. Toward an Entrepreneurial University: Analysis of the Fluminense Federal University Initiatives and Trajectory. *In*: LEITAO, J.; RATTEN; V.; BRAGA, V. **Brazilian Entrepreneurship – New Perspectives and Ideologies**. Cham: Springer, 2022.

WEB SUMMIT. Página inicial. 2024. Disponível em: <https://rio.websummit.com/>. Acesso em: 5 maio 2024.

WISSMANN, A. D. M. A História de uma Incubadora de Empresas: resgate de sua primeira década. **Revista Estudo e Debate**, v. 26, n. 1, p. 114-129, 2019. DOI: <https://doi.org/10.22410/issn.1983-036X.v26i1a2019.1920>